

**“É FACA NA CAVEIRA”:** A identidade  
simbólica de tropas de operações policiais  
especiais no Brasil

---

***“KNIFE IN THE SKULL”:***

*THE SYMBOLIC IDENTITY OF THE SPECIAL OPERATIONS POLICE TROOPS IN BRAZIL*

## “É FACA NA CAVEIRA”: A IDENTIDADE SIMBÓLICA DE TROPAS DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS NO BRASIL<sup>1</sup>

“KNIFE IN THE SKULL”:

THE SYMBOLIC IDENTITY OF THE SPECIAL OPERATIONS POLICE TROOPS IN BRAZIL

Fábio Gomes de França<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo demonstra, por meio de uma pesquisa teórico-bibliográfica, uma perspectiva histórica sobre como teria se desenvolvido o uso do símbolo da faca na caveira entre as tropas de operações especiais de Polícias Militares no Brasil. Para tanto, recorreremos a fontes teóricas que discorrem sobre o surgimento do uso do símbolo da caveira com ossos cruzados desde o século XVII e como esse uso se desdobrou passando pelo período hitlerista na Alemanha até chegar ao Brasil, sendo utilizado por boa parte das Polícias Militares entre seus integrantes das tropas de operações especiais com o acréscimo de uma adaga encravada no crânio. O objetivo foi reconstruir esse contexto histórico para termos conhecimento sobre como se constituiu esse “mito moderno” acerca do símbolo da faca na caveira, dada a importância que ele adquiriu para os policiais militares que compõem os Batalhões de Operações Policiais Especiais (BOPE) em muitos estados brasileiros.

**Palavras-chave:** simbologia policial; tropas especiais PM; BOPE.

### ABSTRACT

The article demonstrates a historical perspective on the development of the knife in the skull symbol among Special Operations Police Troops in Brazil. A theoretical-bibliographic research was used. In order to do so, we resort to theoretical sources that discuss the emergence of the use of the skull and crossbones symbol since the 17th century and how this use unfolded through the Hitler period in Germany until arriving in Brazil, being used by a good part of the Military Police among the members of the special operations troops with the addition of a dagger embedded in the skull. The article aimed to rebuild this historical context so we know the “modern myth” around the knife in the skull, since it acquired importance for Military Officers of the Special Operations Police Battalion (SOPB) in many Brazilian States.

**Keywords:** police symbology; special troops; SOPB.

Data de submissão: 26/08/2021 – Data de aprovação: 03/06/2022

## 1. INTRODUÇÃO

Os Batalhões de Operações Policiais Especiais ou BOPE, como popularmente ficaram conhecidos esses grupos de elite policiais militares no Brasil, adquiriram certa notoriedade a partir da exibição das películas *Tropa de Elite I e II*<sup>3</sup>, respectivamente em 2007 e 2010, sob a direção do cineasta brasileiro José Padilha. Os filmes foram baseados nos livros *Elite da tropa I e II*, o primeiro sendo escrito pelo cientista político Luís Eduardo Soares em parceria com o ex-integrante do BOPE do Rio de Janeiro, o ex-Capitão Rodrigo Pimentel e o Coronel André Batista, que faz parte da PM do Rio de Janeiro (PMERJ)<sup>4</sup>. O segundo livro foi escrito pelos três autores citados e mais Cláudio Ferraz<sup>5</sup>. Óbvio que essa popularidade acabou também por tornar público tanto os êxitos obtidos em operações policiais como também situações que geraram críticas aos PMs integrantes do BOPE, cujo *modus operandi* principal, tomando-se como

<sup>1</sup> Este artigo é um desdobramento do que pode ser encontrado em FRANÇA, Fábio Gomes de. “**Nunca serão!**”: o BOPE e a caveira totêmica. João Pessoa: Ideia Editora, 2020.

<sup>2</sup> Pós-doutor em Direitos Humanos, doutor e mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, bacharel em Segurança Pública pelo Centro de Educação da Polícia Militar da Paraíba. E-mail: ffsociologia@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1917-840X>.

<sup>3</sup> Ver *Tropa de elite (2007)* e *Tropa de elite 2 (2010)*.

<sup>4</sup> Ver Soares; Batista; Pimentel (2008).

<sup>5</sup> Ver Soares; Batista; Pimentel e Ferraz (2010).

referência o BOPE da PMERJ, é a incursão em locais periféricos como as favelas, para combater o tráfico de drogas e o crime organizado.

Considera-se, para fins de compreensão neste artigo, e baseado na definição dada pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que tropas de operações especiais são aquelas que desempenham “atividades militares conduzidas por forças especialmente designadas, organizadas, treinadas e equipadas, que utilizam técnicas operacionais e modos de ação não habituais para as forças convencionais” (DENÉCÉ, 2009, p. 234). Ainda mais, pode-se dizer que as operações especiais se traduzem como “o conjunto das ações que um efetivo reduzido, engajado secretamente por um período que pode chegar a muitas semanas, é levado a realizar para obter resultados estratégicos decisivos em contexto hostil” (DENÉCÉ, 2009, p. 234).

O que deve ser destacado acerca dos integrantes do BOPE é a relação que eles estabelecem exatamente com o símbolo da faca na caveira, que é utilizado como a identidade do BOPE em vários estados brasileiros e que acaba por fazer com que os integrantes desses grupos se autodenominem de “policiais caveiras”. Desse modo, dada a importância que o símbolo da faca na caveira adquiriu para os PMs caveiras do BOPE, visa-se demonstrar neste artigo qual a origem desse elemento simbólico<sup>6</sup> e porque ele adquiriu importância identitária para os PMs do BOPE. Geralmente quando se indaga algum integrante do BOPE acerca do símbolo que os identifica enquanto grupo, é comum obter-se como resposta, em qualquer lugar do Brasil, que ele teria surgido durante a Segunda Guerra Mundial quando um militar aliado teria cravado sua adaga em uma caveira que enfeitava a mesa de um oficial nazista, de modo que, “esse gesto de “faca na caveira” – hoje um brado – simbolizaria a vitória sobre a morte” (GOMIDE, 2013, n. p.). Isso porque a caveira com ossos cruzados era o símbolo da SS (*Schutzstaffeln*) nazista, a tropa militar particular de Hitler que era utilizada como Exército nos campos de batalha, na guarda dos campos de concentração e extermínio, em serviços policiais, logo sendo identificado como um símbolo de morte por ser utilizado pelos nazistas, que passaram a ser vistos como os “vilões” da 2ª Guerra. Não por acaso, a expressão “*Vitória sobre a Morte! Nossa Glória Prometida*” ter se tornado a máxima que identifica as tropas especiais das Forças Armadas e das PMs. Mas o que aguça o olhar do autor deste artigo é o fato da história acerca da origem da expressão “faca na caveira” ser sempre indicada pelos PMs das tropas especiais como um mito.

Segundo Eliade (2016), entendem-se como comportamentos mitológicos aqueles que revelam o desejo de reencontrar a intensidade com que se viveu, ou conheceu, uma coisa pela primeira vez; de recuperar o passado longínquo, a época beatífica do princípio, além de que esse evento primeiro pode ser rememorado ritualmente. Os mitos, ao contrário das explicações próprias do século XIX que os viam como fábulas ou ficções, devem ser encarados como uma história verdadeira, os quais adquirem e fornecem sentido ao comportamento e à existência humanos (ELIADE, 2016). Longe de estar próximo de uma definição simples, o mito pode ser visto como uma história sagrada que se remete aos tempos primordiais, nos quais entes sobrenaturais fizeram com que uma realidade passasse a existir, desde o Cosmo a um comportamento humano. Trata-se, portanto, da narrativa sagrada de uma criação. Os mitos descrevem o surgimento da sacralidade ou da sobrenaturalidade no mundo, transformando e conformando o homem à condição de “ser mortal, sexuado e cultural” (ELIADE, 2016, p. 11). Assim, o mito torna-se verdadeiro por conta de seu lado sagrado, já que, por exemplo, o mito da morte comprova-se pela existência da mortalidade humana. O que está em jogo é a reprodução de condutas humanas baseadas nas mesmas ações produzidas pelos ancestrais em tempos remotos.

6 Para um maior conhecimento sobre a relação que os PMs “caveiras” do BOPE estabelecem com o símbolo da faca na caveira, sob uma perspectiva socioantropológica, ver França (2020).

Os mitos se revestem de um conhecimento que carrega consigo um poder mágico-religioso, que deve ser reatualizado por meio dos ritos ou repassado aos neófitos em cerimônias de iniciação, o que ocorre com os integrantes do BOPE quando participam do Curso de Operações Especiais (COEsp). Como efeito desse processo, “conhecer a origem de um objeto, de um animal ou planta, equivale a adquirir sobre eles um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-los, multiplicá-los ou reproduzi-los à vontade” (ELIADE, 2016, p. 19). É por esse mote que os PMs das tropas especiais refutam as críticas a eles levantadas quando são questionados acerca do uso de símbolos como o da faca na caveira. Como já destacado, comumente eles se posicionam ao dizerem que, no caso deles, existe uma história, um mito, que legitima o propósito da existência de tais grupos nas PMs com o seu respectivo símbolo. Conheçamos melhor essa história “mitológica”.

## 2. A *TOTENKOPF*: DA ORIGEM PRUSSIANA AO SIMBOLISMO NAZISTA

A história por trás do mito da faca na caveira remete-se ao contexto do uso da palavra *Totenkopf*, que é de origem alemã e significa literalmente “caveira”, além de referir-se a crânio e ossos cruzados e símbolos de cabeça de morte. Um crânio humano com ou sem mandíbulas, cruzado na parte de trás por dois ossos (femorais), o qual é reconhecido como um antigo símbolo internacional para a morte, como para sinalizar perigo, indicar substâncias venenosas ou para identificar a pirataria.

Historicamente não se tem como precisar a origem do símbolo da caveira como insígnia militar, mas registros apontam que ele foi usado durante a Guerra dos Trinta Anos (1618 a 1648) nos capacetes dos Cronberger Cuirassiers, que compunham o Regimento de Cavalaria Bávara comandado pelo Coronel Adam Philipp Freiherr von Kronberg und Hohen-Geroldseck, que pertenceu à Liga Católica comandada pelo Conde de Tilly (HØLSCHER, 2013). Durante o reinado de Frederico II, o Grande, que reinou na Prússia de 1740 a 1786, houve uma reestruturação do Exército, que passou a ser treinado com base na disciplina militar, possibilitando a criação em 1741 do Hussardo (*Husaren-Regiment*), que eram Unidades de Cavalaria Ligeira (HØLSCHER, 2013). Além disso, eram Regimentos constituídos predominantemente por húngaros.

Dentre os vários Regimentos que foram criados, o de n.º 5 foi comandado pelo Coronel Von Ruesch, que adotou um uniforme negro com um crânio e dois ossos cruzados em posição de destaque como símbolo do Regimento estampado na frente dos mirlitons (espécie de chapéu), o que pode ser reconhecido como o primeiro Exército moderno a adotar oficialmente o símbolo da caveira com os ossos cruzados (HØLSCHER, 2013). A inspiração para Frederico II ter passado a adotar o emblema da caveira no seu Regimento Hussardo provavelmente diz respeito ao fato de ele ter observado os uniformes dos pandures húngaros (soldados de infantaria irregular incorporados ao Exército Austro-Húngaro no século XVIII) na Batalha de Mollowitz, de modo que ele mandou um chapeleiro de Berlim copiar o modelo de um mirliton negro capturado de uma unidade pandur que exibia uma caveira na cor branca (HØLSCHER, 2013). Ainda se sabe que o símbolo foi usado nos campos de batalha durante a Guerra de Sucessão Austríaca (1740-1748) e na Guerra dos Sete Anos (1756-1763), visto que ambas tiveram participação do Exército prussiano.

Em 1808, o Regimento Hussardo n.º 5 foi reformado dando origem aos Regimentos n.º 1 e n.º 2, mas o símbolo da *Totenkopf* continuou sendo utilizado. Durante as guerras napoleônicas, o Duque Frederico Guilherme de Brunswick-Wolfenbüttel, Comandante dos Regimentos Hussardos n.º 1 e n.º 2 foi morto em combate. Em sinal de luto, todos os hussardos prussianos passaram a usar o uniforme preto

com um grande crânio e ossos cruzados. Ainda assim, outras explicações apontam para o fato de que o símbolo da caveira não continuou sendo usado como homenagem ao luto de Frederico Guilherme, mas enquanto ele esteve vivo, como forma de sinalizar a vingança contra os franceses (PIVKA, 1973).

FIGURA 1: GENERAL DE CAMPO ALEMÃO AUGUST VON MACKENSEN EM TRAJE HUSSARDO COM A TOTENKOPF EM SEU COBALQUE.<sup>7</sup>



Fonte: August von Mackensen Art Print by Mads Madsen (fineartamerica.com).

O hábito no uso da *totenkopf* persistiu pelo século XIX e chegou ao século XX, tendo sido utilizado pelos soldados alemães durante a Primeira Guerra Mundial. Exércitos de outros países também utilizaram uma caveira com ossos cruzados como símbolo, mas o que importa destacar é como esse emblema ganhou notoriedade no período nazista alemão, pois foi a partir daí que sua utilização sofreu desdobramentos que alcançaram os Batalhões de Operações Policiais Especiais no Brasil.

Essa história tem início com a situação política vigente na Alemanha pós-Primeira Guerra Mundial, já que, com a derrota alemã e a imposição do Tratado de Versalhes, o país encontrava-se em uma grande recessão econômica e conflitos espalhados por todo o território alemão entre os radicais conservadores de direita influenciados por uma ideologia militarista e por segmentos sociais motivados por uma perspectiva comunista, socialista e nacionalista. Posteriormente, sabemos que o nacionalismo militar imposto pelo regime nazista de Hitler saiu vitorioso, mas antes que essa vitória ocorresse, sabe-se também que muitas organizações paramilitares (*Freikorps*) atuavam na época até que o nazismo se estabelecesse como força dominante. A história do símbolo da caveira nesse período tem início quando Hitler, juntamente com outros companheiros do Batalhão de Substituição do Segundo Regimento da Infantaria Bávara, no ano de 1919, planejou fundar um partido revolucionário, assim como outros soldados alemães espalhados pelo país que desde o início da Primeira Grande Guerra ressentiam-se dos civis. Essa busca baseava-se na ideia de que “o novo “partido” deveria ser, em resumo, não uma fração parlamentar, e sim

<sup>7</sup> Boné militar feito de pele animal.

uma formação de soldados políticos, decididos a retificar o erro de ser “apolítico” do antigo exército e seguir civis incompetentes até a derrota” (KOEHL, 2015, p. 15, grifos do autor).

A junção entre grupos militares e paramilitares organizados por particulares tinha a intenção de lutar contra a esquerda revolucionária no regime político provisório vigente na Alemanha a partir de 1919. Os líderes desses grupos, guiados pela tradição militar prussiana, agiram sob o disfarce de serem “unidades de restauração da ordem”, mas buscavam, na verdade, adquirir o aumento de prestígio e poder contrapondo-se à elite militar que saiu derrotada da Primeira Grande Guerra (KOEHL, 2015). Foi essa combinação de adestramento militar e política conservadora de direita, ou um “militarismo político” (KOEHL, 2015), que pode ser compreendida como a gênese do partido nazista.

Para que o empreendimento de domínio da Alemanha desse certo, foi preciso o uso da força física contra os opositores. Inicialmente criou-se a SA (*Sport-Abteilungen*), que eram usadas contra os comícios realizados pelos opositores e principais rivais do partido nazista. Mais tarde Hitler, baseado no ideal elitista militar das trincheiras, adotou o termo *Sturm-Abteilungen* ou “tropas de assalto”. Com o passar do tempo, em meio às constantes disputas pelas lideranças das tropas paramilitares, Hitler resolve cuidar de sua segurança pessoal, de modo que ele,

Designou um esquadrão de doze guarda-costas como *Stabswache* (guardas do quartel-general), composto por velhos camaradas e indivíduos que dependiam pessoalmente dele. Ele já tivera um ou dois guarda-costas antes, e a ideia de formar uma guarda do quartel-general a partir daí provavelmente se cristalizou gradualmente em 1922. Mas então, na primavera de 1923, sua perigosa política de jogo duplo com o exército e com as outras ligas de combate o tornaram mais temeroso e, portanto, com menos vontade de confiar sua segurança e a do seu quartel-general unicamente a “soldados políticos”. **A *Stabswache* usava bonés de esquiador negro, com uma caveira e ossos cruzados** (KOEHL, 2015, p. 25, grifo nosso).

A criação da *Stabswache* do partido nazista de Hitler é a primeira fonte que se tem acerca do uso da caveira com ossos humanos cruzados como insígnia por forças com viés militar no período que antecede a chegada dos nazistas ao poder político na Alemanha. O uso do emblema, de certa forma, era para manter a tradição dos hussardos prussianos (HØLSCHER, 2013). Após a tentativa fracassada do “*putsch*” (golpe de Estado) liderado por Hitler em Munique em 09 de novembro de 1923, que redundou em sua prisão e na morte de 16 nazistas pela polícia bávara, as Tropas de Assalto e o próprio partido nazista proscreveram na maioria dos estados (“*Länder*”) alemães (KOEHL, 2015). Após a saída de Hitler da prisão (já que passara apenas nove meses preso), no ano de 1925, foi tomada a providência do restabelecimento de um quartel-general para o Partido Nazista. Um dos motoristas pessoais de Hitler e antigo integrante da *Stabswache*, Julius Schreck, organizou o novo grupo de guardas do quartel-general juntando outros motoristas de Hitler, alguns guarda-costas pessoais e antigos companheiros de prisão de Hitler que já tinham servido em 1923 na *Stosstrupp Hitler* (a tropa de choque hitlerista montada para apoiá-lo na atividade política e na possibilidade de um *putsch*, além da proteção contra a traição de seus aliados, bem como, de integrantes das Forças Armadas).

Ainda em 1925, Hitler decide recomendar para que os líderes locais do Partido Nazista formassem grupos de guardas pequenos similares ao antigo *Stabswache*, os quais receberam a denominação de *Schutzstaffeln* (Esquadrão de Guardas) e deveriam possuir dez membros de confiança do partido local e, novamente, “deviam usar quepes negros com uma caveira e ossos cruzados, a insígnia do antigo *Stosstrupp Hitler*” (KOEHL, 2015, p. 39). Observa-se que o símbolo da caveira com ossos cruzados passou a ser

utilizado desde a *Stabswache* e a *Stosstrupp Hitler* continuando a tradição na recém-criada *Schutzstaffeln*, que ficou comumente conhecida como SS.

A partir da criação da SS em 1925 teve-se praticamente quase uma década de disputas e de estratégias acerca de como o poder político na Alemanha poderia ser conquistado, lição essa aprendida por Hitler que resolveu renunciar às investidas armadas após o fracasso do *putsch* de 1923 e sua consequente prisão. A experiência o fez querer ascender ao comando da nação alemã por meios legais através de eleições. Destaca-se que foram anos de disputa, porque, de um lado, estavam as antigas tropas paramilitares, as SA, lideradas por Ernst Röhm e suas pretensões pelo poder político-militar; de outro lado, estava a SS que passou a ganhar espaço com o comando dado por Hitler em 1929 a Heinrich Himmler, que buscou a organização de uma força militar independente das Forças Armadas alemãs que assegurasse a proteção do regime nazista e cujos integrantes fossem leais ao *Führer*. Tal fato passou a se concretizar com a chegada de Hitler ao poder máximo na Alemanha em 1934. Além disso, com a ascensão de Hitler como chanceler do governo alemão, o caminho ficou livre para o crescimento da SS por todo o país após a “Noite das facas longas”, que ocorreu entre 30 de junho e 1º de julho de 1934, na qual vários líderes SA foram executados, inclusive Röhm, por meio de uma armação arquitetada sob a liderança de Himmler, que preparou um dossiê falso que mostrava que Röhm pretendia derrubar Hitler do poder.

**FIGURA 2: REICHSFÜHRER SS HEINRICH HIMMLER USANDO UNIFORME COM O SÍMBOLO DA CAVEIRA EM SEU QUEPE**



Fonte: Koehl (2015, n. p.).

Com o crescimento da SS a partir de 1930, o expurgo de 1934 que culminou na morte de Röhm e, finalmente, a transformação em 1936 de Himmler no Comandante-Geral da SS, bem como o Chefe geral de toda a Polícia alemã, desenvolveu-se um sistema burocrático-operacional complexo pautado na ideia de que a SS deveria ser a elite militar do III Reich, cujos membros deveriam ser de uma raça ariana pura, de descendência nórdica. Essa concepção criou um sistema de seleção que levava em consideração as gerações passadas dos candidatos à SS até 1750 (assim como a escolha de suas esposas), o que acabou se fragilizando com a necessidade de mais combatentes para serem usados no *front* com o desenrolar da

guerra. Em 1940, no início da guerra, a SS tornou-se formalmente uma força armada independente do Exército, com a criação da *Waffen-SS*, que lutou ao lado das Forças Armadas alemãs, além de contribuir com a guarda dos campos de concentração e extermínio e realizar serviços policiais comuns e secretos (inteligência e espionagem). A SS tornou-se uma complexa rede responsável por inúmeras funções no nazismo, cujas runas com os dois S e a *totenkopf* eram os símbolos que identificavam seus membros (GRUNENBERGER, 1970; KEEGAN, 1973; KOEHL, 2015; MANVELL, 1974).

De forma específica em relação ao uso do emblema da caveira com ossos cruzados como marca distintiva da SS, desde 1933, com a criação dos primeiros campos de concentração para presos políticos, teve-se também a criação específica da *Totenkopfverbände* (Formações da caveira), que eram os grupos de guarda responsáveis pelos campos. Esses guardas passaram a usar o símbolo da caveira nos colarinhos de seus uniformes (MANN, 2011). A partir de 1940, com a criação da *Waffen-SS*, os guardas dos campos de concentração foram remanejados para atuarem diretamente na guerra e foram substituídos por membros SS mais velhos. Na guerra, dentre as 38 divisões da *Waffen-SS*, sua terceira Divisão Blindada também foi denominada de *Totenkopf*, ou seja,

Os homens da organização *Totenkopf*, responsáveis pela guarda nos campos (não confundir com a divisão das *Waffen*, de mesmo nome), estavam intimamente comprometidos com o regime brutal e degradante dos campos, sobretudo nos primeiros tempos, quando vieram a formar os efetivos da divisão *Totenkopf* original com 3 *Standarten* (Regimentos). Outros *Totenkopfstandarten* isolados foram empregados em atividades repressivas que muitas vezes incluíam deportação e extermínio, antes de serem incorporados às *Waffen SS* como combatentes. E durante toda a guerra houve constantes transferências nos dois sentidos, entre as guarnições de guardas dos campos e as tropas nas *Waffen SS*, em quase todos os níveis (KEEGAN, 1973, p. 149).

A força do símbolo da caveira na SS foi de grande relevância no regime nazista, já que o emblema, além de ser utilizado de forma geral por seus membros, também denominou grupos de atuação específicos que ganharam o nome do próprio símbolo. Mas registros apontam que o símbolo também foi utilizado pelas Divisões Panzer blindadas do Exército, que tradicionalmente vestiam-se completamente de preto, como os hussardos prussianos. No entanto, a 3ª Divisão Panzer SS da *Waffen-SS*, também denominada *Totenkopf*, substituiu as runas SS normalmente usadas no colarinho do uniforme pelo símbolo da caveira (o que a diferenciava das demais Divisões, pois cada uma delas adotou um símbolo diferente) e ganhou notoriedade pelas violentas atuações durante a guerra, o que passou a relacionar o símbolo e essas atuações à ideia de morte e destruição. As unidades Panzer da *Luftwaffe* (Força Aérea alemã), incluindo as unidades de elite *Fallschirm-Panzer-Division 1* também passaram a usar a *Totenkopf*, sendo que o esquadrão de bombardeio *Kampfgeschwader 54*, da *Luftwaffe*, atuando durante a Segunda Guerra Mundial, também recebeu o nome da unidade “*Totenkopf*”, ao mesmo tempo em que usava uma insígnia de ossos cruzados similar a utilizada pelas unidades da SS.

FIGURA 3: AVIÃO JUNKERS JU 88 DA KAMPFGESCHWADER 54 TOTENKOPF FOTOGRAFADO EM NOVEMBRO DE 1940 NA FRANÇA. OBSERVA-SE O SÍMBOLO TOTENKOPF NA LATARIA DA AERONAVE.



Fonte: German Federal Archive, Cód ident. 1011-405-0593-36 (fotografia de Striemann).

Diante da história de formação, ascensão e atuação das tropas SS antes e durante o regime nazista na Alemanha, especialmente pelo caráter violento adotado por seus guardas nos campos de concentração e extermínio e contra seus inimigos nos campos de batalha, pode-se dizer que é a partir do final da Segunda Guerra Mundial que surge o mito da faca encravada na caveira que era símbolo da SS nazista. Não existe registro documental para comprovar a existência do mito, o que reforça ainda mais a ideia de um mito contemporâneo que tem sido transmitido ao longo dos anos por tradição oral desde a Segunda Guerra. Tal condição leva-se a considerar que, nesse sentido, o mito trata-se de uma fala (BARTHES, 2001) que funciona como uma mensagem, capaz de criar um sistema de comunicação condicionado historicamente e possuindo significado. Adiante, descreve-se como essa “fala” chegou às tropas especiais das PMs no Brasil.

### 3. A “FACA NA CAVEIRA” E OS BATALHÕES DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

Pelo que se sabe, após a capitulação da Alemanha para as forças aliadas os *Commandos*<sup>8</sup>, que era uma força especial britânica cujo símbolo era um punhal ladeado por asas com a frase “Who dares wins” (“Quem ousa vence!”), invadiram um dos quartéis-generais dos *Totenkopf*. (COTTA, 2014). Existia um crânio sobre a mesa do comandante alemão, de modo que, “para sacralizar a vitória da vida e da liberdade sobre a morte (representada pelos campos de concentração nazista) um soldado *Commandos* teria cravado

<sup>8</sup> Segundo Denécé (2009), os *Commandos* trata-se de uma tropa britânica especializada que foi criada em 1940 por Winston Churchill para ser utilizada de forma estratégica contra os nazistas. Churchill teria criado inspirada nas observações que fez dos *Kommandos* na Guerra dos Bôeres na África do Sul, quando era um oficial de imprensa e foi feito prisioneiro. Assim, “para o Churchill de 1940, a solução, com certeza, estava lá: unidades pequenas, integradas por homens supertreinados, audaciosos, resolutos, equipadas apenas com as melhores armas que pudessem carregar, capazes, principalmente, de tomar a iniciativa. Pouco numerosos, os comandos podiam surgir onde o inimigo não os esperava, e empreender ações pontuais, rápidas, à noite” (DENÉCÉ, 2009, p. 41).

seu punhal sobre o crânio e desse ato surgiu a expressão “Vitória sobre a Morte”!” (COTTA, 2014, p. 372). Essa história acabou sendo absorvida pelo senso comum militar e é usualmente utilizada como explicação para a origem do símbolo da faca na caveira.

Em relação ao Brasil, informações (COTTA, 2014) indicam que entre julho de 1942 a janeiro de 1943 foi realizado um curso de Comandos com a participação de 40 integrantes (10 Oficiais e 30 sargentos) da então Força Pública de Minas Gerais. Eles foram treinados para auxiliar as tropas norte-americanas para tomar de “surpresa” o Arquipélago dos Açores, o qual serviria de base de apoio para a luta na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. No entanto, o primeiro curso em nosso país com a denominação de Curso de Operações Especiais ocorreu em 1957, realizado pelo Exército brasileiro, que adotou a insígnia da caveira atravessada por uma faca.

Vale destacar que, segundo Montenegro (2020), o símbolo da faca na caveira teria sido primeiramente criado como brasão do curso de Comandos do Exército brasileiro em 1968, para depois ser copiado pelos Comandos Anfíbios da Marinha do Brasil e finalmente pelo BOPE do Rio de Janeiro. Ainda de acordo com Montenegro (2020), o brasão teria sido criado pelo então 1º Tenente Maurizzio Manoel Procópio da Silva que, anos depois desconhecia a história sobre a faca encravada na caveira nazista pelos ingleses, ou melhor, pelas palavras do próprio Montenegro (2020, n. p.):

Perguntei a integrantes de forças armadas dos Estados Unidos e do Reino Unido, visitei até um pequeno museu dos Comandos Ingleses perto do Memorial dos Comandos na Escócia e nenhuma das pessoas jamais ouviu falar dessa lenda da II Guerra Mundial. Assim sendo, não tenho como dizer que seja falsa, mas não consegui comprovar que seja verdade. No dia 20 de fevereiro de 1989, como segundo tenente, me apresentei pronto para o serviço no 1º Batalhão de Forças Especiais. Ao longo da década seguinte, nunca ouvi ninguém comentar a respeito dessa lenda da II Guerra Mundial: então eu passei a perguntar aos operadores de forças especiais mais antigos, das décadas de 1960 e 1970, todos desconheciam, alguns (achavam) até bem criativa essa versão. Por fim, quando perguntei ao próprio idealizador do distintivo da faca na caveira, o Coronel Maurizzio Manoel Procópio da Silva, se ele conhecia essa lenda ou se a mesma poderia ter tido alguma influência no símbolo, ele riu e disse que só ouviu falar alguma coisa sobre isso recentemente e não poderia ter tido nenhuma influência na elaboração do símbolo.

Sendo Oficial do Exército, e por mais que afirme não ter tido qualquer influência na criação do símbolo da faca na caveira de outros elementos ou histórias que o tenham inspirado, dificilmente é de se acreditar que o citado Coronel desconhecesse a *totenkopf* nazista, como também, o símbolo dos Comandos britânico, que é um punhal. Quando do momento de criação do símbolo, de forma óbvia, o então 1º Tenente Maurizzio estava em um curso de Comandos, logo deveria ter certa bagagem histórica sobre tropas especiais de outros países que, inconscientemente poderiam ter, de certa forma, o levado a desenhar o brasão referido. No entanto, o que se pode fazer é apenas tratar o assunto a partir de hipóteses ou conjecturas. Ainda assim, o símbolo chegou até às tropas de operações especiais PM.

FIGURA 3: SÍMBOLO DOS COMANDOS DO EXÉRCITO BRASILEIRO.



Fonte: Cotta (2014).

No tocante às PMs no Brasil, de forma específica, a criação do BOPE do Rio de Janeiro torna-se emblemática. Mesmo que não possa ter sido a primeira força PM a realizar ações de “operações especiais”, ainda assim, pode-se dizer que foi a primeira que passou a utilizar o símbolo da faca na caveira como emblema. A criação deveu-se a um fato ocorrido em 1974, quando quatro apenados se rebelaram no Presídio Evaristo de Moraes. Na ocasião o diretor do presídio, que era um Major da Polícia Militar, juntamente com outros funcionários, e também policiais militares, foram feitos reféns pelos presos. Convocou-se então o Grupo de Operações Especiais (Goesp) da Secretaria de Estado de Segurança Pública para atuar na resolução da situação, o qual tinha sido criado em 1969 e era formado por policiais civis e militares para lutar contra guerrilheiros. O Goesp era comandado pelo Capitão Paulo Cesar Amêndola de Souza, que não foi a favor da invasão do presídio. No entanto outro grupo, o Destacamento de Atividades Especiais da PM, acabou realizando a invasão, o que teve como consequência a morte de todos os presos rebelados, assim como de todos os reféns (STORANI, 2008).

A experiência negativa no Presídio Evaristo de Moraes mostrou que a PM do Rio de Janeiro não estava preparada para resolver crises daquela natureza, o que levou o Capitão Amêndola a estudar ocorrências envolvendo reféns em outros países. A partir daí ele criou, em 19 de janeiro de 1978, o Núcleo da Companhia de Operações Especiais (NUCOE) para atuar em situações críticas que demandassem conhecimento e preparação adequados. O novo núcleo teve como objetivo precípua a realização de um processo de seleção e treinamento com caráter rígido, assim como o emprego e o controle dessa tropa seguiriam o mesmo parâmetro (STORANI, 2008).

Dada a conjuntura política da época, deve-se ressaltar que “o novo núcleo foi criado num contexto em que o “subversivo” político era o grande inimigo da polícia militar e os “crimes comuns” não recebiam a mesma atenção e empenho por parte da corporação.” (FRANCISCO, 2013, p. 47). Vê-se que o NUCOE foi fundado com base nos princípios presentes no período autoritário da ditadura. Inclusive o Capitão Amêndola é apontado pelo projeto “Brasil nunca mais”, coordenado pela arquidiocese de São Paulo, como um dos torturadores de presos políticos durante a ditadura militar (FRANCISCO, 2013). Até mesmo a primeira sede do NUCOE era barracas militares montadas entre os prédios do Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças da PM do Rio de Janeiro (STORANI, 2008).

Ainda em 1978, foi realizado o I Curso de Operações Especiais (COEsp). Diante das dificuldades estruturais e financeiras, a equipe de instrutores comandada pelo Capitão Amêndola improvisou muitas coisas que foram utilizadas para o treinamento, mas logo ficou claro, pelas palavras do Comandante, que o grupo deveria possuir uma “mística” que o caracterizasse, que além da rusticidade e sacrifício coletivo começou a se descortinar em elementos simbólicos. Isso pode ser notado na canção do grupo, criada também pelo Capitão Amêndola em 1978, a qual traz em uma de suas estrofes que a “*Vitória sobre a morte é a nossa glória prometida*” (STORANI, 2008, p. 42), remetendo-se ao mito fundador da insígnia da faca na caveira.

O símbolo da faca na caveira foi adotado pelo grupo em 1980, no qual temos um disco preto significando o luto permanente circundado por uma borda circular em vermelho, que representa o sangue derramado em combate. O crânio humano está no centro do disco com uma faca encravada de cima para baixo, uma alusão à vitória sobre a morte em um combate. Ao invés dos ossos cruzados por trás do crânio, foi feita uma adaptação: duas garruchas douradas simbolizam as Polícias Militares. Quanto ao fato de os policiais do BOPE serem denominados de “caveira”, em pleno reconhecimento com o símbolo que ostentam, parece que o apelido passou a ser utilizado por detentos nos presídios do Rio de Janeiro depois de, em 1980, os vinte policiais do então NUCOE, utilizando apenas bastões, terem debelado uma rebelião de quase quatrocentos presos no Presídio Cândido Mendes. Desde então, toda incitação à rebelião era avisada de que os “caveiras” seriam chamados para resolver (STORANI, 2018).

FIGURA 4: SÍMBOLO DO BOPE DA PMERJ



Fonte: Storani (2008, p. 42).

Inicialmente, em 1982, o NUCOE foi denominado de Companhia de Operações Especiais (COE), pertencendo ao Batalhão de Polícia de Choque, só vindo a chamar-se Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) em 1991 (STORANI, 2008). Na sua fundação, o NUCOE deixava claro que a intenção de criação do grupo era para destacar que era uma tropa diferenciada, de “operações especiais”, que, nesse caso, assemelha-se ao desempenho do que os Comandos realizavam no Exército britânico. Tanto que o próprio curso também foi criado a partir da mesma concepção de que deveria ser voltado para “operações especiais”.

A prova cabal dessas considerações é que o então NUCOE era composto por policiais “voluntários, dotados de comprovada integridade moral e alguns possuíam especialização nas Forças Armadas,

tais como o Estágio de Operações Especiais, o Curso de Guerra na Selva ou o Curso de Contra Guerrilha – CONGUE (origem do Curso Especial de Comandos Anfíbios – ComAnf)” (PACHECO, 2014, p. 66). Mas o que se percebe é que, com a mudança de nomenclatura para BOPE, como dito, em 1991, a palavra “Policiais” parece indicar uma tentativa de aproximação com atividades de Segurança Pública, já que, ao contrário, as operações especiais, como desenvolvida na Segunda Guerra Mundial e até mesmo antes dela ao longo da história, eram voltadas para atividades de sabotagem e contraguerrilha ao inimigo, como forma de desarticular o poderio oponente (DENÉCÉ, 2009).

Nesse sentido, tem ganhado força um diálogo entre componentes das tropas especiais de todo o Brasil acerca de como classificá-las (informação verbal).<sup>9</sup> De um lado temos organizações que são conhecidas por Batalhões de Operações Policiais Especiais e que englobam todos os outros grupos especializados após a junção físico-administrativa. Por outro lado, temos as “tropas de elite” (que julgam que deveriam ser classificadas como Batalhões de Operações Especiais), que geralmente eram Companhias administrativamente independentes, em alguns casos subordinadas a um Batalhão de Choque, e que são legitimamente, diga-se assim, os locais onde trabalham os verdadeiros “caveiras”, aqueles que passaram pelo COEsp, mas que agora precisam estar subordinadas à direção maior do BOPE enquanto um Batalhão de várias Companhias.

Parece, então, que esse conflito está residindo na configuração simbólica que o enreda, ou seja, de que não se torna justo igualar a todos na esfera administrativa PM, tanto aqueles que participaram do difícilíssimo COEsp e que obtiveram o símbolo da faca na caveira com “sangue, suor e lágrimas”, como outros policiais que agora são chamados de especiais por fazerem parte do BOPE sem serem de “operações especiais” e nem possuem o símbolo da faca na caveira. No fundo, possuir ou não o símbolo da faca na caveira obtido como insígnia do COEsp parece ser o balizador do conflito. Ainda mais, como foi mostrado, a sigla BOPE carrega consigo uma dimensão mais próxima da Segurança Pública, ao contrário se for suprimida a palavra “Policiais” da nomenclatura, o que remeteria ao passado das operações especiais que em muito se distancia da finalidade do que as tropas de elite PM realizam.

Nesse embate, que envolve dimensões organizacionais, morais e simbólicas, torna-se evidente que o plano emotivo por parte dos “policiais caveiras” parece não perceber que um simples detalhe como o uso da palavra “Policiais” na denominação do BOPE é um referente importante para destacar as diferenças de finalidade de quem produz operações especiais de um lado, e operações policiais especiais por outro. No primeiro caso, estamos falando das unidades militares das Forças Armadas que atuam em situações de guerra, paz e conflito com o objetivo de desarticular e destruir o inimigo mediante espionagem, sabotagens, infiltração, técnicas de guerrilha, entre outras ações, que, por serem realizadas em nome do Estado, podem ser julgadas por órgãos internacionais de justiça, a exemplo da Corte Penal Internacional (ZANINI; MIGUELES; COLMERAUER, 2014). No segundo caso, estão as tropas de operações policiais especiais, as quais possuem como fundamento a atuação interna visando o cumprimento da lei e a proteção da sociedade. Nesse sentido, sua função precípua não é destruir o inimigo como em uma guerra, apesar de que, ideologicamente falando, essa crença acaba ganhando força, mas agir contra organizações criminosas, resgatar reféns, sobreviver em ambientes inóspitos, prender criminosos, acabar com situações de conflito, como rebeliões em presídios, dentre outras, fazendo da morte um recurso de legítima defesa própria ou de outrem, já que essas atuações seguem as prescrições jurídicas do país ao qual pertence o grupo policial (ZANINI; MIGUELES; COLMERAUER, 2014).

<sup>9</sup> Informação fornecida pelo Capitão Hércules Belmiro, da Polícia Militar da Paraíba, em abril de 2020.

Outro ponto a ser observado em relação ao debate construído nos últimos anos entre os próprios PMs do BOPE pelo Brasil diz respeito ao uso das expressões tropas “especiais” ou “especializadas” de polícia, o que não significaria a mesma coisa, já que, em muitas situações ambas as palavras são usadas indiscriminadamente como sinônimas. Na verdade, “especiais” deveria remeter-se apenas novamente aos “policiais caveiras” que trabalham na execução de operações policiais especiais, enquanto “especializadas” deveria significar as outras tropas cujos PMs compõem o policiamento de choque, policiamento com cães ou policiamento em motocicletas. O argumento defendido neste artigo opta por uma perspectiva conciliadora, na qual a sigla pode muito bem ser BOPEE, com o acréscimo de um “E” para indicar Batalhão de Operações Policiais Especiais e Especializadas, o que denotaria, simultaneamente, o Batalhão que reúne todas as tropas e deixaria claro que policiais especiais e especializados são coisas diferentes.

Em meio a essa complexa trama histórica e de nomenclatura, podemos dizer que o BOPE passou, *a posteriori*, a ser criado nas demais PMs brasileiras e cada uma delas tem suas particularidades históricas, o que está fora do alcance deste artigo delinear, devido ao imenso empreendimento. Até anos atrás, quando se falava em tropas especiais, os PMs sempre se referiam ao grupo de policiais chamado para atuar quando não existiam mais alternativas. Por exemplo, em ocorrências envolvendo reféns ou quando era preciso subir os morros e favelas para enfrentar os traficantes de droga fortemente armados. Essa explicação ainda permanece, só que, nos últimos anos, com a criação por outros estados dos Batalhões de Operações Policiais Especiais, passaram a dividir o mesmo espaço físico da estrutura organizacional as consideradas tropas de elite e outros grupos especializados, como os de motopatrulhamento tático, o de policiamento com cães e as tropas de choque.

De qualquer forma, diante de tantas informações que envolvem o BOPE, o que se está analisando neste trabalho, em específico, é o histórico do símbolo da faca na caveira. Como já observado, quando mobilizados em defesa dos símbolos culturais que os caracterizam, todos os PMs “especiais” que atuam no BOPE e têm a faca na caveira como símbolo bradam explicitamente que são “caveiras”. Antes de merecerem respeito por serem PMs, segundo eles, merecem respeito por serem diferenciados. Abaixo, seguem os dados que indicam nos estados da Federação que adotam a nomenclatura do BOPE e o símbolo da faca na caveira como emblema, o ano de criação de cada Batalhão em específico, bem como a legislação que regulamentou a criação.

Como a literatura sobre o tema é escassa, o que dificulta o levantamento de dados históricos, ainda assim foram feitas consultas a diversas fontes na internet como sítios eletrônicos das próprias Polícias Militares, que reservam espaço para falar sobre suas Unidades administrativas e operacionais (as tropas especiais e especializadas são classificadas neste último caso, mas não deixam de ter um mínimo de organização administrativa para tratar especialmente dos assuntos internos, já que, no âmbito organizacional, estão subordinadas em última instância ao Comandante-Geral das respectivas PMs. Nesse caso, óbvio que seguem os preceitos da hierarquia e disciplina, que são os pilares da organização das instituições militarizadas). Consultou-se, ainda, portais diversos que fazem referência a essas tropas especiais e especializadas. Esta condição revela, de certo modo, fatos históricos não existentes em trabalhos acadêmicos, os quais poderiam facilitar o acesso a dados compilados de documentos oficiais utilizados na burocracia institucional das PMs.

TABELA 1<sup>10</sup>

Unidade da Federação	Ano de criação <sup>11</sup> antes da adoção da nomenclatura de BOPE	Ano de adoção do nome BOPE	Lei de criação a partir da denominação BOPE
ACRE	1990 (Companhia de Operações Especiais) <sup>12</sup>	2008	Lei n.º 2001, de 31/03/2008-Portaria 425/DRHM
ALAGOAS	1976 (Pelotão de Choque)	2001	Lei n.º 6.230, de 19/04/2001
AMAPÁ <sup>13</sup>		2002	Lei n.º 6.803, de 06/12/2002
AMAZONAS <sup>14</sup>	Sem dados disponíveis		
BAHIA	1983 (Companhia de Operações Especiais)	2014	Lei n.º 13.201, de 09/12/2014
CEARÁ <sup>15</sup>	(Grupamento de Ações Táticas Especiais)	2019	Decreto n.º 32.974, de 18/02/2019
DISTRITO FEDERAL	1971 (Companhia de Operações Especiais)	1999	Decreto n.º 20.329, de 22/06/1999
ESPÍRITO SANTO <sup>16</sup>			
GOIÁS	1989 (Companhia de Operações Especiais)	2014	
MARANHÃO	1986	2017	Decreto n.º 10.669, de 29/08/2017
MATO GROSSO	1988 (Companhia de Operações Especiais)	2003	Decreto n.º 988, de 23/07/2003
MATO GROSSO DO SUL	(Companhia Independente de Gerenciamento de Crises e Operações Especiais)	2013	Decreto n.º 13.753
MINAS GERAIS	1987 (Companhia de Operações Especiais)	2016	Diretriz de Operações PM n.º 6/87. Cf. Boletim Geral da PMMG, n.º 17, de 27/1/1987
PARÁ	1993 (Companhia de Operações Especiais)	2020	Lei Complementar n.º 126, de 13/01/2020
PARAÍBA <sup>17</sup>	1996 (Grupo de Ações Táticas Especiais)	2008	Lei Complementar n.º 87
PARANÁ <sup>18</sup>	1964 (Companhia de Operações Especiais)	2010	Decreto n.º 8.627
PERNAMBUCO	1989 (Companhia Independente de Operações Especiais)	2017	Lei n.º 16.058, de 06/06/2017
PIAUI	1990 (Companhia Policial Militar de Operações Especiais)	2012	Decreto n.º 6.199, de 27/03/2012
RIO DE JANEIRO	1978 (Núcleo da Companhia de Operações Especiais)	1991	Decreto n.º 16.374, 01/03/1991
RIO GRANDE DO NORTE		2006	Decreto n.º 19.253, de 25/07/2006
RIO GRANDE DO SUL <sup>19</sup>	1988 (Comando Tático 9)	2018	Decreto n.º 54.424, de 20/12/2018
RONDÔNIA		2018	Decreto n.º 22.956

10 Os espaços em branco se referem às informações não obtidas ou que estão detalhadas nas notas de rodapé.

11 A primeira data diz respeito à criação dos órgãos que inicialmente desempenhavam algumas funções especializadas de PM como os Batalhões de Choque, mas que depois cederam espaço para o surgimento do BOPE.

12 A COE foi criada em 1990 através do Decreto n.º 155, mas só passou a funcionar de forma efetiva em 1996.

13 No Amapá temos o BOPE, mas os seus integrantes não têm a faca na caveira como símbolo.

14 No Amazonas, temos o BOPE que utiliza como símbolo a faca na caveira.

15 Não tivemos acesso ao ano de criação do GATE no Ceará, mas os PMs do atual BOPE no Estado Cearense utilizam o símbolo da faca na caveira.

16 No Espírito Santo temos a Companhia Independente de Operações Especiais e não a denominação de BOPE nem o uso da faca na caveira como símbolo.

17 A Lei Complementar n.º 87, que instituiu o BOPE na Paraíba, foi aprovada em 2008, mas o Batalhão só passou a funcionar em 2012. Em 2013, o uso do símbolo da faca na caveira foi proibido como já mencionamos.

18 A PM do Paraná utiliza a nomenclatura de BOPE, mas não tem o símbolo da faca na caveira como insígnia do batalhão. No entanto, a Companhia de Operações Especiais (COE), que é subordinada ao BOPE, tem a faca na caveira como símbolo.

19 No Rio Grande do Sul os integrantes do BOPE se consideram os "caveiras do gelo".

RORAIMA	1990 (Canil PM)	2008	Decreto n.º 8.930, de 09/05/2008
SANTA CATARINA	1994 (Batalhão de Operações Especiais)	2005	Portaria n.º 501, de 25 de outubro de 2005.
SÃO PAULO <sup>20</sup>			
SERGIPE <sup>21</sup>			
TOCANTINS <sup>22</sup>			

Fonte: Elaboração do autor a partir dos diversos sites das Polícias Militares estaduais e portais diversos dos Batalhões de Operações Policiais Especiais.

Pelo que se observa na Tabela 1, nem todas as PMs brasileiras utilizam o símbolo da faca na caveira como elemento identificador de suas tropas policiais especiais, assim como a denominação BOPE. Ainda assim, há um alcance considerável da utilização do símbolo da faca na caveira e da nomenclatura de BOPE por diversas PMs, mas que não nos isenta de destacar a diversidade que classificações que existe, por mais que predomine a identidade simbólica da faca na caveira bopeana. Algumas PMs usam o símbolo, mas não adotam o nome BOPE, como é o caso de São Paulo, por exemplo, enquanto outras usam a expressão BOPE, mas não têm o símbolo da faca na caveira como elemento identificador, como no Paraná. Ainda tem havido desdobramentos em relação à identificação dos próprios integrantes quanto à forma que eles mesmos se identificam como no Rio Grande do Sul, onde existem os caveiras do gelo.

Nesse percurso, finalizamos nossas reflexões atentando para o fato de que, estudar e conhecer melhor a perspectiva cultural de instituições policiais quanto ao uso de símbolos que as identificam pode nos revelar melhor a intrincada relação que se estabelece entre as crenças de seus membros e as formas de atuação que adotam por meio de suas representações, o que pode ser um passo interessante para democratizarmos cada vez mais a legitimidade de suas identidades organizacionais.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo procurou demonstrar, a partir de uma contextualização teórico-histórica, como provavelmente surgiu e se desenvolveu a história do símbolo da faca na caveira utilizado como emblema das tropas especiais policiais militares no Brasil. Para tanto, mapeamos, de certo modo, como o símbolo da caveira ou *totenkopf* foi utilizado especialmente pelo Exército moderno prussiano no século XVIII chegando ao período da Alemanha nazista e se tornando a identidade simbólica principal dos integrantes da SS, que era o Exército particular de Hitler.

No Brasil, o uso do símbolo ganha certa particularidade ao estar preso à ideia de um mito moderno que narra seu surgimento vinculado à vitória dos aliados contra o regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial. A questão central reside no punhal que passa a ser cravado pelos aliados em um crânio que era enfeite da mesa de um Oficial nazista dando vazão inclusive ao brado de que se tratava da “*Vitória sobre a morte! Nossa glória prometida!*”, neste caso a morte significando o regime hitlerista. No entanto, desenvolve-se também outra história que narra a criação do símbolo quando um 1º Tenente do Exército brasileiro teria criado o emblema no curso de Comandos, ou seja, de operações especiais, no ano de 1968. De qualquer forma, o símbolo chegou às PMs inicialmente sendo adotado na PMERJ e, depois, espalhando-se para todo o Brasil.

<sup>20</sup> Não existe em São Paulo nenhum batalhão de tropas especiais com o nome de BOPE, pois elas estão subordinadas a um Batalhão de Choque. Dentre elas temos o GATE (Grupo de Ações Táticas Especiais) e COE (Companhia de Operações Especiais). A faca na caveira não é o símbolo principal, mas é usado pelos PMs do COE.

<sup>21</sup> Em Sergipe não existe o BOPE, mas o Comando de Operações Especiais (COE), o qual utiliza a faca na caveira como símbolo.

<sup>22</sup> Em Tocantins, a tropa de elite utiliza uma adaptação do símbolo da faca na caveira e chama-se Companhia Independente de Operações Especiais (CIOE), tendo sido criada pelo Decreto nº 1.723, de 14 de março de 2003.

Por fim, as reflexões deste artigo visaram destacar a importância dessa identidade simbólica que inclusive passou a denominar de policiais caveiras os integrantes do BOPE, em alusão direta a um símbolo que é conquistado pelo término do temido COEsp, o Curso de Operações Especiais. Assim, ressalta-se que, tendo em vista as implicações que tal símbolo tem nos processos de ressocialização profissional dos policiais caveiras, conhecer a história de sua gênese se torna, no mínimo, algo interessante, considerando-se a relevância que o BOPE representa na segurança pública em nosso país.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- COTTA, Francis Albert. Breves reflexões sobre a simbologia do crânio transpassado pelo punhal de *Comandos* nas Forças Especiais de Polícia no Brasil. In.: GRECO, Rogério. **Atividade policial: aspectos penais, processuais penais, administrativos e constitucionais**. Niterói-RJ: Impetus, 2014.
- DENÉCÉ, Éric. **A história secreta das forças especiais: de 1939 a nossos dias**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- FRANÇA, Fábio Gomes de. **“Nunca serão!”: o BOPE e a caveira totêmica**. João Pessoa: Ideia Editora, 2020.
- FRANCISCO, Renata de Souza. **Tropa de elite no feminino: a participação feminina no batalhão de operações policiais especiais do Rio de Janeiro – BOPE**. 2013. 141 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2013.
- GOMIDE, Raphael. ‘Retirada da caveira como símbolo do Bope gera crise na PM da Paraíba’. **Último Segundo**, (03/04/2013). Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/rj/2013-04-03/retirada-da-caveira-como-simbolo-do-bope-gera-crise-na-pm-da-paraiba.html>>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- GRUNENBERGER, Richard. **A história da SS**. São Paulo: Record, 1970.
- HOLSCHER, Joost. **Death’s head: the history of the military & crossbones badge**. [S. l.: s.n.], 2013, ISBN 978-90-820326-0-4.
- KEEGAN, John. **Waffen-SS: soldados da morte**. Rio de Janeiro: Editora renes Ltda., 1973.
- KOEHL, Robert Lewis. **História revelada da SS**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.
- MANN, Chris. **SS-Totenkopf: the history of the ‘death’s head’ division 1940-45**. London: Amber Bookd Ltd, 2011.

MANVELL, Roger. **SS e gestapo: a caveira sinistra**. Rio de Janeiro: Editora Renes Ltda., 1974.

MONTENEGRO, Fernando. **Faca na caveira!: a história do símbolo da tropa de comandos do Brasil**. 2020. Disponível em: <FACA NA CAVEIRA! A História do símbolo da tropa de Comandos do Brasil - Tecnodefesa>. Acesso em: 26 ago 2021.

PACHECO, Thiago da Silva. A construção da diferença: o BOPE e seus agentes nas estruturas da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. **Cadernos de Segurança Pública**, ano 6, n. 5, p. 64-75, 2014. Disponível em: <Rev201406completo.indb (proderj.rj.gov.br)>. Acesso em: 26 ago 2021.

PIVKA, Otto von. **The black brunswickers**. [S. l.]: Osprey Publishing, 1973.

SOARES, Luiz Eduardo; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. **Elite da tropa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

SOARES, L. E.; FERRAZ, C.; BATISTA, A.; PIMENTEL, R. **Elite da tropa 2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

STORANI, Paulo. **“Vitória sobre a morte: a glória prometida: o “rito de passagem” na construção da identidade dos operações especiais do BOPE**. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2008.

\_\_\_\_\_. **Vá e vença: decifrando a tropa de elite**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2018.

**TROPA de Elite**. Produção de José Padilha. Rio de Janeiro: Zanzen Produções, 2007. 1 DVD (113 minutos): DVD, NTSC, son., col., com narrativas. Port.

**TROPA de Elite 2: o inimigo agora é outro**. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Zazen Produções Audiovisuais, 2010. 1 DVD (115 min.)

ZANINI, Marco Túlio; MIGUELES, Carmen; COLMERAUER, Márcio. **A ponta da lança: intangíveis em equipes de alto desempenho**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.